



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CARLA CAROLINA SAMPAIO SILVA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.**

AMARGOSA-BA

2023

**Carla Carolina Sampaio Silva**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Centro de Formação de Professores – CFP, como requisito para obtenção do título em Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dra. Sabrina Torres Gomes

AMARGOSA-BA

2023

CARLA CAROLINA SAMPAIO SILVA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB/Centro de Formação de Professores - CFP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovado em 31/02/2023

**BANCA EXAINADORA**



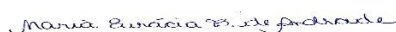
**Professora Dra. Sabrina Torres Gomes (Orientadora)**

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)



**Professora Dra. Cândida Andrade de Moraes (Examinadora)**

Doutora em Educação Pela Universidade Federal da Bahia (UFRB)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)



**Professora Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade (Examinadora)**

Doutora em Educação pela Universidade Americana (UA)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Dedico esse trabalho a minha filha Haylla Raianne, luz da minha existência, que sustenta o foco da minha caminhada e foi o principal motivo para essa escrita.

## AGRADECIMENTOS

Carla Carolina Sampaio Silva

Gostaria de agradecer primeiramente á Deus, pelo dom da vida, por permitir que eu acorde todos os dias, por me dá forças para enfrentar as lutas diárias e sempre me ajudar a realizar meus sonhos e escolhas. Obrigada Senhor!

Aos meus queridos e maravilhosos pais, Catarina Sampaio e Carlos Santos que são os meus exemplos de amor, luta, dedicação e superação, que apesar das dificuldades da vida me criaram sempre me ensinando o valor da vida, do amor, do estudo e do trabalho, tornando-me um sujeito consciente dos meus atos e do meu potencial, me ensinando a ser forte e honesta para enfrentar todos os obstáculos que me seria impostos ao longo da vida. Amo-te pais queridos!

A minha filha Haylla Rainne, por ser meu maior incentivo para lutar e correr atrás dos meus objetivos. Te amo filha.

As minhas amigas de infância Sara e Lorena que sempre estiveram comigo e me incentivava a ser sempre uma pessoa melhor, obrigada por caminharem juntas comigo, ah Sara! Nunca vou esquecer o orgulho que tinha de me quando chegávamos a algum lugar é as pessoas perguntava qual era nossa profissão e você falava toda orgulhosa ela é professora! Eu tenho uma amiga professora. Lorena minha fiel escudeira nunca vou esquecer-me das vezes que me falava vai dar certo bicha, tu é capaz, tu vai vencer, daqui uns dias vamos está na praia aproveitando teu momento, obrigada por ser minha fiel, por compartilhamos momentos incríveis. Obrigada meninas por fazerem parte desse momento, eu amo vocês.

A Elis uma pessoa que posso chamar de amiga, que chegou e aos pouquinhos soube conquistar seu espaço na minha vida, obrigada por todo amor, carinho e dedicação que você me proporciona a todo esse tempo, você também faz parte dessa história.

Quero salientar meus agradecimentos a Anderson, uma pessoa que entrou há pouco tempo na minha vida mais faz uma diferença muito grande, obrigada pela paciência que apresentou comigo no decorrer da minha escrita, das vezes que te respondia de mau humor que descontava meu nervosismo em você e você não ligava, pegava e saia como se nada tivesse acontecido. Obrigada por fazer parte desse momento em minha vida e por todo carinho, amor e dedicação.

Wilker, a pessoa que foi um forte aliado no meu processo de escrita, a pessoa que sempre me perguntava quer que vá digitando? Que uma ajudar? Obrigada pelo carinho.

Não posso deixar de tecer meus agradecimentos a Taty, uma pessoa que foi muito importante para me nesses últimos meses da escrita desta pesquisa me dando total apoio. Obrigada pelo carinho.

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas que a faculdade me apresentou:

Aline Amorim, mais que uma amiga, eu a considero como uma irmã, se tornou meu diário, meu ombro amigo que ouvia minhas lamentações e estava sempre disposta a me ajudar sem fazer nenhuma questão, foi meu maior apoio nos momentos em que mais precisei obrigada por todo amor, carinho e dedicação que você teve e tem para comigo eu nunca vou esquecer-me de você, muita gratidão nas suas contribuições até aqui.

Ah minha Thalia! A pessoa mais incrível que eu poderia conhecer nessa faculdade, lembra-me quando te vi pela primeira vez a impressão que obtive de você, quem diria como nos tornaríamos um trio impecável né? Eu, você e Aline Amorim. Obrigada Thalia por me apoiar sempre, algumas das vezes me fazer enxergar a verdade com as suas belas reflexões sobre algum assunto ao qual eu não tinha entendimento, você é umas das poucas pessoas que quero carregar na minha vida.

Uilma não posso deixar de falar dela, a menina que me deu muitas dores de cabeça nesse processo da faculdade, Carla como faz isso? Carla me ajuda? Carla isso, Carla aquilo, obrigada pela parceria nessa minha passagem na faculdade.

Mauricio, conhecido como “Bigu”, à pessoa do coração mais generoso que eu conheço ou posso conhecer um dia, obrigada pela parceria no decorrer desses anos, obrigada pelas cervejas que bebemos no bar de dona “Dita”, tempos que nunca vou esquecer você vai estar sempre presente em minha memória.

Á minha orientadora, professora Sabrina Gomes, que apesar de tantos afazeres aceitou me ajudar na produção desta pesquisa, e principalmente, por todo conhecimento que me transmitiu durante nossa convivência, e agradeço por me aturar em todos os e-mails e mensagem no whatsapp, sempre serei grata pela sua parceria, dedicação e paciência para que esta pesquisa estivesse pronta a tempo.

A banca examinadora, minha gratidão, obrigada pelo carinho em aceitar ao meu convite e pelo cuidado e leitura atenta que teve a todo o momento com meu trabalho.

Á está Universidade e a todos que fazem parte dela, desde o pessoal da limpeza até a reitoria. Obrigada!

É de ordem de o impossível nomear todos aqueles que contribuíram com a concretização desta monografia. Contudo fiz os agradecimentos em especial a quem esteve mais próximo de mim no decorrer dos últimos ajusto, tenho muitas pessoas as quais gostaria aqui de agradecer, por estarem sempre presente em minha vida, mais deixarem aqui apenas minha eterna gratidão a cada uma delas/es as quais não citei o nome, sei que entenderão os motivos.

E por fim, agradeço a mim mesma, por ter conseguido concluir essa graduação quando todos pensavam que seria apenas mais uma das loucas aventuras que costumavam fazer parte de minha vida, mais aqui cheguei.

Alô pai, alô mãe formei!

A palavra que me define nesse momento é GRATIDÃO!

Independente da espécie, classe social,  
política, orientação sexual ou religião,  
ajude sem moderação!

**(Anderson Martins)**

## **EPÍGRAFE**

“Quem é contra Educação Sexual ou é ignorante, ou tem interesse em crianças desenformadas”.

**(Luiz Guilherme Prado)**



SILVA, Carla Carolina Sampaio. **Educação Sexual No Ambiente Escolar: Possibilidades e Desafios**. Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Centro de Formação de Professores – CFP, Amargosa-BA, 2023.

## RESUMO

Estudos científicos em que possuem como abordagem a educação sexual no ambiente escolar, evidenciar a importância das crianças terem contato com o assunto desde os anos iniciais do ensino fundamental, de forma responsável e adequada, reduzindo assim ao máximo os perigos causados pela falta de informação. A postura do professor nas escolas referente a temática e de grande importância para uma qualidade do processo educacional. O presente trabalho teve como objetivo compreender de que forma as escolas atuam em relação à Educação Sexual de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para a realização desse objetivo foi realizada revisão bibliográfica de alguns textos, contendo pesquisas e reflexões de autores sobre a temática. Pelo espaço de tempo que temos e com o intuito desta pesquisa ficar pronta a tempo de ser apresentada foram revisados textos com o intuito de enriquecer e embasar o estudo. Seguindo dessa análise, a pesquisa apontou pensamentos tradicionais e receios de como realizar abordagem e as dificuldades encontradas, por isso julgo necessário o investimento na capacitação formação continuada dos docentes, pois nas revisões feitas foi o que mais se foi notado a falta de conhecimentos dos docentes quanto a temática em discussão, também sendo necessário encontrar ações para que os pais entendam que a discussão dessa temática é de fato importante nas escolas.

**Palavras-chaves:** Educação Sexual, alunos, escola, professor

SILVA, Carla Carolina Sampaio, **Sexual Education In The School Environment: Possibilities and Challenges.** Conclusion Paper (Major in Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Centro de Formação de Professores – CFP, Amargosa-Ba, 2023.

### **ABSTRACT**

Scientific studies that approach sex education in the school environment, highlight the importance of children having contact with the subject from the early years of elementary school, in a responsible and appropriate way, thus reducing to the maximum the dangers caused by lack of information. The attitude of the teacher in schools regarding the theme is of great importance for the quality of the educational process. The present work aimed to understand how schools act in relation to the Sexual Education of children in the early years of Elementary School. In order to achieve this objective, a bibliographical review of some texts was carried out, based on research and reflections by authors on the subject. Due to the time that we have and with the intention of this research being ready in time to be presented, texts were revised in order to enrich and enhance the study. Following this analysis, the research pointed to traditional thoughts and fears of how to approach and the difficulties encountered, which is why I believe it is necessary to invest in the training of teachers' continuing education, because in the reviews made, the lack of knowledge of teachers was most noted. As for the theme under discussion, it is also necessary to find actions so that parents understand that the discussion of this theme is in fact important in schools.

**Keywords:** Sex education, students, school, teachers.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**OMS:** Organização Mundial de Saúde

**PCNs:** Parâmetros Curriculares Nacional

**MEC:** Ministerio da Educação

**ECA:** Estatuto da Criança e do Adolescente

**DSTs:** Doenças sexualmente Transmissíveis

**HIV:** Vírus da Imunodeficiência Humana

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Instrumentos.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>PROCESSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE NO DECORRER DOS TEMPOS ..</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>OS PCNs, E O DIREITO À EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>FATORES QUE IMPACTAM NA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS ...</b>	<b>27</b>
<b>3.3</b>	<b>EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS DO BRASIL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS.....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIA .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sexualidade é um termo que quando abordado no senso comum, é imediatamente relacionado ao ato sexual. Porém, sexualidade se refere a muito mais do que apenas sexo. Segundo a OMS citada por Matoso (2013 p 18):

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico. (MATOSO, 2013, p, 18).

É certo, portanto, que a sexualidade engloba muito mais do que apenas relações sexuais em si. Com toda essa abrangência é de suma importância que, no âmbito educacional, tal tema seja compreendido por profissionais da educação e tratado com os alunos de forma íntegra, profissional, clara e qualificada.

O conceito de sexualidade também foi discutido por Weeks (2010), fazendo referência às reflexões de Michel Foucault, quando defende que a sexualidade seja pensada “(...) como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou o corpo e seus prazeres.” (WEEKS, 2010, p.43).

A sexualidade também é muitas vezes considerada como sinônimo de genitália e a vida sexual é vista como apenas o ato de fazer sexo. Freud (2006), já no início do século XX, apresentou ideias bem mais amplas sobre o tema, identificando o instinto sexual já na infância, ampliando largamente a concepção sobre o assunto.

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de “sexual “. Talvez a única definição acertada fosse” tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em

última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, corre o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p.309).

No nascimento a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dessas que experimenta os primeiros momentos de prazer, através da amamentação. Para Freud, “É pela boca que [a criança] começará a provar e a conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio. O seio é o primeiro objeto de ligação infantil. É o depositário de seus primeiros amores e ódios” (FREUD, 1905 apud FIORI, 1981, p. 36).

Por estar presente na vida do indivíduo desde o nascimento, essa questão precisa ser encarada como um ponto importante na formação humana sendo necessário ser trabalhada também pela escola em seu currículo, porque, tal abordagem contribui para o desenvolvimento integral da criança, na construção de uma relação saudável e livre de preconceitos.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Educação Sexual deve ser um processo educativo abrangente compreendendo conhecimentos, habilidades e valores que capacite os jovens a fazer escolhas conscientes e responsáveis sobre suas vivências sexuais. E a Educação Sexual oferece oportunidades para explorar e construir os próprios valores, comportamentos e atitudes, para adquirir habilidades de tomada de decisões, para ampliar a capacidade de comunicação e para reduzir os comportamentos de risco sexual e geral.

No Brasil, as primeiras preocupações com a educação sexual surgiram na década de 1920 e tinham como objetivo acabar com a prática da masturbação, com doenças sexualmente transmissíveis e preparar mulheres para seu papel de mãe e esposa (COSTA, 1986). Uma proposta de programa de Educação Sexual foi aprovada pelo Congresso Nacional de Educadores nas escolas, em 1928, mas apenas com o público de crianças acima de 11 anos.

Segundo o autor, entre os anos de 1935 a 1950 houve o que foi considerado um retardo nas iniciativas ligadas a essa temática no Brasil, destacando a forte presença da Igreja Católica durante a década de 1950 no sistema educacional reprimindo a educação sexual. Na década seguinte, a imposição da ditadura civil- militar reafirmou tal repressão.

O que não impediu a apresentação de um Projeto de Lei à Câmara dos Deputados, em 1968, pela então deputada Júlia Steimburck, com vistas a implantar obrigatoriamente a educação sexual em todas as escolas do país e em todos os anos escolares, que infelizmente, não foi aprovado (SAYÃO, 1997).

De acordo com Santos (2001), na década de 1980; houve grande repercussão sobre o tema da sexualidade, com a exposição de nudez, a popularização de sex shops, e a venda de revistas em bancas de jornais que davam acesso a respostas ao cidadão sobre sexo, enviando e comprometendo o olhar sobre a temática até então pouco discutida.

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os jovens.

No final da década de 1990, foram construídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com o objetivo de ser uma referência e fornecer orientações pedagógicas para os profissionais da área educacional, e foram propostos pelo MEC para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país, incluindo o tema transversal da Orientação Sexual (SAYÃO, 1997).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), acreditava-se que mesmo com as famílias apresentando uma grande resistência à abordagem dessa questão no âmbito escolar, ainda havia um forte desejo para se introduzir o tema nas escolas, tendo em vista que é de extrema importância sua discussão e de como as famílias ainda encontram dificuldades em abordá-lo com suas crianças e jovens. Duas décadas depois, a realidade tornou-se bem diferente, pois estamos passando por uma onda de opressão extrema do direito das mulheres e de suas constantes lutas.

O interesse em falar sobre esse tema se deu pelo fato de que a sexualidade faz parte do dia a dia das crianças, porém, parece ser ainda um assunto pouco discutido nas escolas. Trago comigo um interesse para discutir esse, pois sentir falta dessa conversa quando ainda criança, sempre tive uma mãe presente na minha vida, mais faltou esse diálogo direto comigo, entendo que não foi por falta de entendimento da parte dela, mais

sim por conta da forma que a mesma foi criada, de forma rude onde não teve a oportunidade de também ter esclarecimentos sobre a temática, seguindo daí sempre coloquei na mente que quando tivesse um filho(a) seria totalmente diferente, daria a minha filha(o) a oportunidade de conhecer tudo certinho para evitar constrangimentos maior. Foi quando Deus me presentou dando uma filha à coisa mais linda desse mundo e daí começaram a surgir curiosidades e questionamentos trazidos por ela, que hoje está no 7º no de Ensino Médio, mas na época estava no 4º ano do Ensino Fundamental I, foi quando juntei o útil ao agradável, indicando que o tema da sexualidade tem se tornando presente em sua vida, por isso quero proporcionar a ela uma coisa que me foi negada quando eu tinha a idade dela. Percebe-se que muitas coisas não mudaram no que se refere ao ensino de Educação Sexual, pois da mesma forma que me foi negado falar e conhecer essa temática é notável que esteja acontecendo o mesmo atualmente, pois, não vejo inserido no currículo da minha filha aulas relacionado à Educação Sexual, onde está gerando curiosidades e questionamentos sobre essa temática.

Assim, torna-se fundamental ser discutida a temática em sala de aula, pois a escola é um espaço privilegiado para oferecer essas orientações, já que é um local de intervenção pedagógica e fundamentada cientificamente em suas ações de ensino. Como argumenta Guimarães (1992, p.172), “[...] se é função da escola formar e informar para a vida, a orientação sexual não deve se apresentar como um apêndice”. Os professores podem ser agentes de mudança em seus locais de trabalho, uma vez que possuem o poder de gerar reflexões sobre a sexualidade e suas diferentes formas de expressão e assim poder contribuir na construção do autoconhecimento do aluno. (NARDI; QUARTIERO, 2012).

Hoje, encontramos mais dificuldades e menos apoio dos familiares para se trabalhar esse tema nas escolas, tendo em vista o crescimento constante de forças sociais conservadoras. No cenário atual do país, se faz cada vez mais necessário falar sobre sexualidade em nossas escolas, pois nossos jovens e crianças debatem o assunto com constante frequência entre eles, deixando passar informações e orientações que são fundamentais para terem uma vida sexual saudável e segura.

A partir das discussões apresentadas, surgiu o seguinte problema de pesquisa: Se a sexualidade faz parte de toda a nossa vida, desde o nascimento até a morte, por que ainda é um desafio falar sobre Educação Sexual nas escolas? Após o levantamento do



problema de pesquisa, surgiu a elaboração do objetivo geral dessa pesquisa: Compreender de que forma as escolas atuam em relação à Educação Sexual de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir do objetivo geral, foram construídos os seguintes objetivos específicos: 1. Investigar sobre a relevância da inclusão de programas de Educação Sexual nas escolas para crianças pequenas; 2. Identificar os limites e as possibilidades do trabalho sobre Educação Sexual com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental e 3; conhecer como a escola tem abordado a Educação Sexual com crianças pequenas e como se posicionam em relação a esse tema.

## **2 METODOLOGIA**

A presente pesquisa é caracterizada como pesquisa qualitativa e bibliográfica, pois possibilita o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico que necessita tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Sendo assim podemos afirmar que ela consiste em um conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados; em textos e as informações são fontes para a base teórica da pesquisa e na investigação dos estudos dos textos que possam colaborar no desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim a pesquisa bibliográfica permite conhecer e aprofundar melhor a discussão deste tema, que é compreender de que forma as escolas atuam em relação à Educação Sexual de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **2.1 Instrumentos**

Esta pesquisa ocorreu a partir da análise de livros, artigos, revistas e a plataforma digital Google acadêmico. Tendo como princípio entender o tema desenvolvido assim

para o levantamento nas bases de dados foram utilizados alguns critérios como: os PCN,s e o direito a educação; fatores que impactam na educação sexual e educação sexual nas escolas do Brasil. Foram lidos para o levantamento de dados cinco textos, cada um com discursões maravilhosas, o critério para escolha dos textos se deram pelos textos que abordavam a discussão da temática estudada.

No que se refere aos artigos, o primeiro trabalha educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: currículo e práticas de uma escola pública da cidade de Marília-SP, o segundo discutir, os discursos sobre sexualidade nas escolas municipais de Curitiba, o terceiro aborda a prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, o quarto discutir a educação sexual no ambiente escolar e por fim o ultimo aborda educação para a sexualidade no ensino fundamental: discursos e práticas de pais e professores.

Dessa forma entende-se, que a pesquisa bibliográfica oferece a possibilidade de se conhecer melhor sobre o tema pesquisado, dando uma melhor visão de informação e conhecimento. Sendo razão para o pesquisador de debruçar as leituras para uma compreensão clara do que está sendo estudado, porém é evidente que a pesquisa bibliográfica limita de certa forma o pesquisador, pois o mesmo fica sem ter contato direto com a realidade.

### **3 PROCESSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE NO DECORRER DOS TEMPOS.**

Muitos dos comportamentos sociais e psíquicos que ainda apresentamos quando o assunto é sexualidade; estão relacionados às crenças construídas ao longo da história da humanidade. Convivemos atualmente com as transformações que vem ocorrendo na sociedade onde assuntos como a sexualidade acaba sendo tratado de forma imprópria e os conceitos, tabus e medos prevalecem, dificultando que as pessoas possam enxergar adequadamente as consequências que a conduta sexual mal orientada pode causar. Durante todo um percurso histórico mundial, encontram-se as mais variadas formas de expressão da sexualidade, carregadas de valores e preconceitos de cada época e para cada sociedade. Nesse sentido torna-se importante conhecer e compreender alguns desses pontos.

No período da Renascença, que teve início no século XVI, o Iluminismo fez com que o sexo não parecesse um pecado, nem algo tão repulsivo, onde homens e mulheres começaram a associar o sexo ao amor. Humanistas e Teólogos, por sua vez insatisfeitos com a filosofia Cristã e a conduta do Clero, fizeram surgir a Reforma, da qual Martinho Lutero foi o grande precursor, assumido, juntamente com outros teólogos uma posição de protesto em relação ao assunto contra os excessos dos representantes da Igreja Romana, em relação às riquezas materiais e à sensualidade. Este movimento foi negativo para os sentimentos relacionados ao amor, ao sexo e também aos aspectos sociopolíticos e culturais. Nesta época a posição da mulher começava a ter algumas modificações, como, por exemplo, acesso a uma educação intelectual e artística, e isso a tornara mais atrativa. (FOUCAULT, 2014, p. 19).

A partir do século XVI, segundo Foucault (2014, p. 19):

A colocação do sexo em discurso, em vez de sofrer uma restrição, foi submetida a um mecanismo de crescente incitação, que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas à disseminação e implantação da sexualidade polimorfa. A vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável e sem dúvidas, através de muitos erros.

Com os estudos realizados nota-se que a reforma protestante promoveu uma nova perspectiva em relação à sexualidade, a partir da análise de Michel Foucault (2014), quando este divide a história da sexualidade em dois períodos. O primeiro foi no decorrer do século XVII e o segundo no século XX. O século XVII foi um período em que

nasceram as grandes proibições, a valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem, isto é, foi um período no qual a sexualidade era reprimida, escondida, não havia a liberdade de falar sobre a sexualidade. Já no século XX, essa proibição começou a diminuir, sendo o momento em que os mecanismos da repressão se afrouxaram, e essas relações com a sexualidade começaram a ser tratadas com mais tolerância.

Podemos considerar o Iluminismo como um marco inicial, da importância em discutir sobre sexualidade nos diversos espaços sociais, pois foi quando se começou a pensar pela razão e não mais pela fé, ou seja, o poder da igreja diminuiu, o homem e mulher passaram a ser o centro e assim surgiram os grandes pensadores. Foucault (2014), escreve nessa linha de razão e poder, como eram os princípios da época do Iluminismo.

Michel Foucault (2014), um dos grandes estudiosos desta temática, informa que foi a partir do século XVIII, que as escolas multiplicaram-se, aperfeiçoaram-se e assim apareceram como um dispositivo de poder, com a função de disciplinar o corpo e o sexo do homem e da mulher. A sexualidade das crianças era um dos alvos principais de preocupação, afinal, na criança estava o futuro cidadão. Seguindo essa sequência, o autor afirma que, durante os três séculos da Renascença, o mundo europeu adquiriu diversos aspectos. As cidades começaram a crescer, o comércio foi fluindo e assim surgiram a pólvora e a imprensa. Naquela época, houve uma luta entre a religião da Idade Média e o Humanismo da Renascença e entre o poder do Papa e o poderio das Nações.

No século XVIII, que segundo Foucault (2014, p. 19), foi o século das luzes, surge, então, toda uma literatura médico-pedagógica sobre a sexualidade da criança e do adolescente, na medida em que estes constituíam os futuros cidadãos proclamados pela Revolução. Naquele momento, essa atitude era fundamental para a formação da sociedade europeia. Então, em nome da saúde pública, os médicos e os pedagogos eugenistas passam a influenciar as orientações educacionais das famílias e das escolas. Os médicos elaboravam discursos e os pedagogos projetos normalizadores do sexo que deveriam ser absorvidos pelas famílias e pelas escolas. Se a família não estava dando conta da educação (sexual) das crianças, passava a ser obrigação da escola suprir esta falha familiar.

Deve-se registrar que o autor coloca que toda a preocupação em torno da sexualidade do indivíduo ocorreu inicialmente somente nas classes privilegiadas. Sobre

elas construíram e se aplicaram as técnicas mais rigorosas de controle sobre o corpo. Apenas a partir do final do século XVIII, é que aparece a necessidade de também se cuidar da sexualidade do proletariado, quando este passou a constituir-se problema para o Estado. Era preciso mão-de-obra sadia devido ao desenvolvimento da indústria pesada. Era preciso controlar a prostituição e as doenças venéreas.

A gênese da sexualidade é historicamente burguesa, sendo imposta posteriormente ao proletariado, como forma de sujeição. Sendo assim, os estudos nos mostram que para Foucault (2014, p. 11), “a liberdade de se expressar sexualmente pode demorar a se manifestar, por essa repressão, por respeito ao poder reprimido”. Mas foi no século XVIII, que nasceu uma incitação política, econômica e técnica que, segundo Foucault (2014), o falar do sexo seria por meio de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, não de uma maneira geral, seria necessário apresentar pesquisas quantitativas ou causais.

Naquele período a sexualidade se desenvolvia ao longo de três eixos, dentre eles o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade da criança; o da medicina, com a fisiologia das mulheres e, por fim, a demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada dos nascimentos. É a partir do século XIX, que a sexualidade é tolhida, a família confisca a liberdade de falar. “O casal legítimo e procriador dita a lei. Impõe como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo”. (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Lapate (1994), destaca os costumes da civilização Grega na qual os homens assumiam uma posição especial desde o nascimento. Era permitido a eles aprender aritmética, poesia e música e sempre praticavam esportes, ao contrário das mulheres que não recebiam nenhum tipo de educação formal, somente algumas pouquíssimas tarefas domésticas e em alguns casos, um pouco de escrita. Eram respeitadas se desempenhassem bem os seus deveres de domésticas e procriadoras. Havia uma completa separação entre o sexo- reprodução e o sexo-prazer.

Já o casamento, como o povo Hebreu, era arranjado pelos pais e o noivo pagava um determinado preço pela noiva e só se conheciam no dia do casamento. Entre os homens, havia uma grande liberdade sexual permitindo, inclusive, a homossexualidade sem significar falta de virilidade. A moral não estava ligada ao “pecado”, e sim à bravura,

autodomínio, patriotismo, sabedoria, devotamento aos amigos e ódio aos inimigos. (LAPATE, 1994, p.19).

Vitiello (2000, p.18), destaca ainda sobre o homem Grego, que eles “buscavam o prazer como ideal, sendo permitidas e até incentivadas quaisquer experiências hedonistas (doutrina filosófica que procura no prazer a finalidade da vida)”. Entende-se, desse modo, que a cultura grega foi machista, egoísta e, do ponto de vista das mulheres, repressora.

Entre os Romanos, conforme salienta Vitiello (2000, p.19), sua cultura não se diferenciava muito da Grega, sendo que o homem era também bastante machista, onde o prazer era permitido somente a eles.

Em relação ao casamento não havia nenhuma necessidade de aprovação religiosa, apenas o consentimento paterno, além de existir melhores oportunidades para encontrar no casamento uma união de amor e prazer, aliado à função reprodutora.

Sendo assim, parece que os jovens romanos tinham melhores oportunidades do que os gregos para encontrar no casamento uma união com prazer e amor. Vitiello (2000), ainda destaca a Era Cristã e a continuidade da repressão à sexualidade. O Cristianismo era considerado uma religião fundada por Jesus de Nazaré e, apesar de toda a repressão, o autor lembra, curiosamente, que não existe registro em todo o Novo Testamento de qualquer ato ou palavra repressora que possa ser atribuída ao próprio Jesus.

Pelo contrário, em alguns episódios, como por exemplo, o referente à mulher adúltera (São João, 8: 7) suas palavras demonstram uma tolerância e uma compreensão das fraquezas e dos desejos humanos absolutamente incompatíveis com a ferocidade com que seus seguidores reprimiram as manifestações da sexualidade. (VITIELLO, 2000, p. 17).

Em leituras feitas sobre o Cristianismo, referentes à sexualidade, entende-se que aquele período foi demarcado por literatura oficializada no Império de Constantino, com grandes mudanças nas ideias em relação à sexualidade, entre as relações homem e mulher, uma vez que a força central dessa nova religião, cujas ideias eram aceitas por grande parte da população, estava numa intensa hostilidade pela sexualidade humana pelo prazer físico considerado, a partir de então, pecado da carne que significava um mal para o espírito. (GAY, 1999, p. 223).

Assim percebemos que a igreja católica teve um papel muito forte em relação à sexualidade na medida em que recomendou aos fiéis renunciar, de forma definitiva, á

atividade sexual, impedindo suas manifestações. A virgindade foi promovida pelo clero católico, a símbolo do corpo imaculado. Contudo, diante da recusa de parte da sociedade, em atender as orientações da igreja, esta promoveu a sacramentalização do casamento, ampliando seus poderes, intimidando as pessoas e trazendo a sexualidade para seu domínio. A poligamia foi extinta e o casamento transformou-se na única forma possível de controlar o desejo sexual. Assim o casamento passou a ser visto como um remédio contra a imoralidade da época, permitindo assim o sexo apenas para a procriação.

Seguindo essa trajetória histórica, Ribeiro (1990, p.8), apresenta a Era Vitoriana que se originou no século XIX, no reinado da Rainha Vitória (1819-1901), propagando-se por todo o mundo e que, segundo o autor, ocorreu “devido à força e influência do todo poderoso império Britânico”. Surge, então, o puritanismo e com ele a legalização do casamento. Em relação ao sexo somente era permitido na vida privada e exclusivamente com a finalidade de procriação. Pelos registros pudemos perceber que a repressão sexual é historicamente evidente e latente até os dias de hoje, graças ao poder econômico, às instituições sociais e à religião que ditavam as normas de comportamento, dentre outros.

Podendo ser percebido que em algumas situações essa repressão tem se mostrado de maneira evidente, em outras vezes, de maneira camuflada por discursos religiosos, políticos e, nas práticas sexuais, quase sempre, violenta e agressiva. Tudo era permitido aos homens dentro e fora do casamento, inclusive com libertinagens em suas ações, enquanto para nós mulheres era tudo historicamente regrado. Em algum período da história, elas eram obrigadas ao uso do cinto de castidade, para garantir a seus maridos infiéis, sua fidelidade sexual. Apenas serviam a seus maridos sem nunca sentir prazer. Muitas passavam, inclusive, raiva quando não judiavam de suas escravas concubinas, por ciúmes de seus homens que, muitas vezes, geravam até filhos. (RIBEIRO, 1990, p. 368).

Assim foi neste contexto repressor quer sugeriram teorias as quais vêm afirmando que o ato sexual era responsável por doenças como tuberculose e as doenças de pele, perda de esperma e que a masturbação levava as pessoas á loucura. A esse respeito Ribeiro menciona que:

A Era Vitoriana conseguiu que médicos e estudiosos disseminaram, através de suas obras, os ideais de repressão que adotavam e que davam respaldo científico á necessidade do controle sexual (RIBEIRO, 1990, p. 8).

De acordo com o Ribeiro (1990, p.8), nesta época a Educação Sexual contou com a contribuição de vários estudiosos que se destacaram com obras, nas quais defendiam seus pontos de vistas sobre a sexualidade, como: Henry Havelock Ellis (1859- 1939); Wilhelm Reich (1897-1957); Alfred Kinsey (1894-1956).

Entre os estudiosos preocupados com a questão da sexualidade como elemento inerente a condição humana. A esse respeito Ribeiro (1990), afirma que foi Freud (1856-1939), quem causou certo impacto ao afirmar a existência da sexualidade desde a infância e também apontou a importância e o determinismo da sexualidade para a constituição do sujeito, salientando a centralidade em aspectos do desenvolvimento humano. Ele surpreendeu o mundo com sua teoria sobre todo o contexto da sexualidade e as implicações desta para o comportamento humano, o desenvolvimento da personalidade e a origem de conflitos e distúrbios psicológicos. Seus estudos basearam-se na análise do comportamento humano, por meio das ciências médicas, sobretudo da psiquiatria, enfatizando que a prática da masturbação proporcionava para as pessoas de todas as idades, benefícios saudáveis, pois, através da masturbação elas descarregavam suas emoções reprimidas. (RIBEIRO, 1990).

Podemos perceber neste sentido a importância da psicanálise que abordou o desenvolvimento da sexualidade a partir de uma perspectiva diferente. No início do século XX, Freud afirmou que as primeiras relações e vivências ocorridas na infância têm grande importância e podem definir o desenvolvimento da sexualidade na vida adulta. Sendo assim, segundo Freud, em todas as fases da vida existia a presença de processos inconscientes e da sexualidade infantil, ao contrário do que a psicologia do desenvolvimento acreditava.

Para a afirmação do pensamento de Freud (1916/1917), sobre as relações como fator preponderante na definição da vida adulta Ribeiro (1990), afirma que para Freud (1916/1917), o desenvolvimento humano se dá pelo desenvolvimento psicosexual da criança, através de processos inconscientes. Em suas investigações sobre a neurose percebeu que a grande maioria dos conflitos e desejos reprimidos do adulto referia-se a conflitos de ordem sexual ocorridas nos primeiros anos de vida dos indivíduos e então observou que as ocorrências deste período de vida deixavam marcas profundas na estruturação da personalidade. (RIBEIRO, 1990).



Essa temática em discussão mostra que os estudiosos da sexualidade, por meio de suas obras davam os primeiros passos em direção às novas conquistas no campo da sexualidade humana. Assim, observamos que nossas raízes culturais estão impregnadas de uma visão distorcida da sexualidade, em que a prática da repressão é o comportamento usual, principalmente para as mulheres. Essa visão distorcida da sexualidade foi mantida durante todos esses séculos, na atualidade, infelizmente, ainda se mantém. Com os estudos realizados sobre sexualidade, é notável que o sexo no mundo, está por sua vez, voltado para as práticas e atitudes sexuais no cotidiano dos indivíduos e dos grupos construídos culturalmente através de uma dimensão sociocultural, consolidado historicamente por normas e padrões que deram aos indivíduos a percepção do que é sexo e sexualidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, as escolas devem debater dentro dos termos sexualidade as diferenças, estereótipos, preconceitos, tabus, crenças e conceitos, mas mantendo sempre um distanciamento das opiniões e aspectos pessoais do professor. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura que todos os jovens e adolescentes tenham direito a informação e educação sexual, porém esse tratamento que o ECA dá os direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes é sempre pela negatividade, ou seja, tem sempre o intuito de prevenir o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes pelos adultos. É notável a ausência de direitos afirmativos referentes à vida sexual e reprodutiva.

### **3.1 OS PCNs, E O DIREITO À EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.**

No ano de 1998, o tema da sexualidade estava inserido como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); para orientar a Educação Básica no Brasil. Os PCNs tem a função de reforçar o papel da escola como ambiente de aprendizagem, da construção de conhecimento e de discussão de assuntos relevantes do cotidiano de todos os estudantes. De acordo com o referido documento compreende-se que a Orientação Sexual:

Não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (BRASIL, 1997, p. 121)

A escolha de temas transversais, como é o caso da “Orientação Sexual” que é proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais segue os critérios de urgência social, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental com a intenção de favorecer a compreensão da realidade e a participação social.

Quando se trata de questões sociais, os temas transversais levam à necessidade de recorrer a conhecimentos de diferentes áreas do saber. Segundo os PCNs, o espaço escolar permite às crianças esclarecerem suas dúvidas e formular novas questões aliviando assim, suas ansiedades que algumas vezes acabam atrapalhando no aprendizado. Trabalhando a sexualidade nos anos iniciais, por meio da adoção de um trabalho pedagógico é possível que alunos obtenham na escola um espaço de formação e informação respeitando sempre o seu momento de desenvolvimento e entendendo o saber a partir de diferentes disciplinas.

Os PCNs, v.10, propõem que a partir do 5º ano o trabalho se torne sistemático e seja tratado em um lugar específico. “Esse espaço pode ocorrer na forma de uma hora-aula semanal para os alunos (dentro ou fora de grade horária existente, a depender das condições da escola)”. (BRASIL, 1997, p.129).

Contudo, não é bem isso que se vê sendo trabalhado nas escolas sobre a temática da Educação Sexual. Em leituras e pesquisas feitas ficou notável nas palavras de Sebastião Barroso (1934, p.32 *apud* Vidal, 1998, p.66) quando algumas escolas decidem trabalhar com algum tema relacionado à Educação Sexual com os alunos/as essa temática recai sobre os professores/as da disciplina de Ciências. Percebe-se que umas das justificativas para isso é que no ensino fundamental, o corpo humano é o tema central dos livros didáticos e dos conteúdos curriculares de ciências. Sendo assim ensinado por professoras/os formados em ciências e baseados em livros didáticos de Ciências, essa temática está marcada por este campo disciplinar.

É importante destacar que, pensar a Educação Sexual desta maneira é bastante limitado e dificulta a realização de discussões mais ampla, já que este tema está vinculado ao exercício da cidadania. Desse modo, no final do ensino fundamental espera-se que os alunos estejam capacitados para respeitar um ao outro, respeito este vinculado à vinculado á diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, buscando o prazer como uma dimensão saudável, contra as discriminações, respeitando

seus desejos e os dos outros, não esquecendo a proteção dos relacionamentos sexuais exploradores.

Como não existe de fato uma maneira concreta para que a Educação Sexual seja construída em sua prática pedagógica como educador é necessário, rever seus próprios conceitos, sua própria sexualidade e, a pedagogia deve permear sob a perspectiva a concepção emancipatória. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é outro documento que traz a Doutrina da Proteção Integral dos Direitos da Criança, que coloca a criança e o adolescente como sujeitos de direito com proteção e garantias específicas, como foi mencionado anteriormente. Para que isso seja alcançado, estruturou-se em dos princípios fundamentais.

1. Princípio do Interesse do Menor: todas as decisões que dizem respeito ao menor devem levar em conta seu interesse superior ao Estado, cabe garantir que a criança ou adolescente tenham os cuidados adequados quando pais ou responsáveis não são capazes de realizá-los;
2. Princípio da Prioridade Absoluta: contido na norma constitucional (artigo 227), ele estabelece que os direitos das crianças e dos adolescentes devem ser tutelados com absoluta prioridade.

Tomando esses princípios, o ECA (2011); se propõe a garantir aos menores de idade os direitos fundamentais que todo o sujeito possui: vida, liberdade, saúde, respeito, dignidade, convivência familiar e comunitária, educação, lazer, cultura, esporte proteção e profissionalização no trabalho. Enfim, tudo para que possam exercer uma cidadania plena.

Na questão aqui discutida acredita-se que o ECA, os PCNs e outras Leis que ordenam a vida social precisam ser conhecidos e colocados em debate. Muitos cidadãos não as conhecem e mesmo para uma faixa etária inicial, é necessário contextualizar o assunto e esclarecer a eles que a Orientação Sexual e a Sexualidade são garantias de todo cidadão e que a busca da Cidadania, da Sexualidade e do Respeito implica numa discussão de forma correta, e nós na escola podemos fazer isso de forma interdisciplinar para formar uma consciência sobre as questões em nossos alunos.

### **3.2 FATORES QUE IMPACTAM NA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS**

Começo esse tópico com essa indagação, porque as escolas não trabalham com temática de Educação Sexual, ou temas relacionados a ela, e se trabalham como ocorre esse processo? Bom; vamos lá!

Diversos são os fatores que implicam na participação de professores na educação sexual, assim como os possíveis elementos que contribuem para a superação desses fatores, uma vez que podem sugerir propostas de trabalho para a implantação e êxito no processo ensino aprendizagem da educação sexual no contexto escolar com a transversalidade no currículo pedagógico educacional. Em face disso, acredita-se que; esses fatores que comprometem essa participação; são ocasionados muitas das vezes, porque muitos profissionais nem sempre possuem esclarecimentos pertinentes ao tema, não dispendo de uma formação para desenvolver uma mediação dialógica. Nesse entendimento, em relação aos educadores, Figueiró (2010), relata que:

[...] a atuação como educador sexual não é tão simples como possa parecer, e que não basta ter recebido uma “preparação” prévia – para alguns, não basta nem mesmo estar um grupo de “assessoria”, em que se pode contar com supervisão e apoio [...] quando o educador tenta dar início a uma prática, vários fatores dificultadores entram em jogo – ao que parece, a maioria deles de caráter emocional, mesmo quando a dificuldade parece ser apenas técnica, relacionada à escolha de estratégias de ensino [...] (FIGUEIRÓ, 2010, p.27-28).

Vale enfatizar, que as dificuldades enfrentadas pelos professores para trabalhar com a temática educação sexual na sala de aula, nem sempre são as mesmas, mas na maioria dos casos, as maiores dificuldades referem-se à falta de material didático, a conversa paralela, as quais acarretam discussões com os demais alunos (SÁ, 2018, p, 63). Fora da sala de aula, o problema que os professores enfrentam é a não aceitação por parte de muitos pais com a temática, pois acreditam que ainda não está na hora de seus filhos começarem; a saber; sobre sexualidade. Não é uma tarefa simples para os pais aceitarem e responderem às indagações sobre sexualidade com os filhos e acompanharem as mudanças decorrentes de seu crescimento.

A família deve ser fonte de apoio e segurança para que o adolescente possa compreender as transformações pelas quais está passando e para que possa enfrentar os conflitos e angústias que podem ocorrer neste mesmo, principalmente no que se refere à sexualidade. (SOUSA, FERNANDES, BARROSO, 2006).

Existe uma tendência natural para os pais verem seus filhos como eternas crianças, se não enxergarem que eles cresceram e independentemente da idade sempre tendem a

achar que seus filhos estão sempre serão reféns deles ou, daquilo que realmente são sempre considerando-os como ingênuos, inocentes e puros. A partir da fala de Sousa, Fernandes, e Barrosa; (2006), podemos considerar que a influência da família na sexualidade da criança é um ganho relevante para os filhos, pois isso vai ajudar as crianças a se conhecerem, defenderem-se; e confiarem que existe uma família que pode sempre estar ao seu lado, ajudando-lhe e conscientizando do que é melhor para ele.

Também faz parte da dificuldade do professor em trabalhar não somente as questões biológicas, mas devem-se abordar questões que envolvem sentimentos, valores, moral e ética, bem como a saúde, pois é necessário construir e instrumentalizá-lo com habilidades essenciais, proporcionando a eles condições de ampliar e reciclar seu conhecimento, por meio de programas de atualização e capacitação direcionadas à temática da educação sexual.

Importante ressaltar que outro aspecto que se deve atentar nas palavras de; (SÁ, 2018, p, 63), é que os adolescentes recebem diariamente informações através da mídia, muitas vezes inadequadas, ou até imorais para o processo de construção do conhecimento científico. A preocupação sobre as formas pelas quais os alunos buscam informações sobre o corpo e o sexo, é que devem ser tomadas primeiramente no lar, depois na escola para que professores e técnicos pedagógicos possam dar continuidade ao trabalho com a temática da Educação Sexual, pois acreditamos que o papel e a participação dos professores são central para que os adolescentes reconstruam sua rede de relações, resgatem sua cidadania e transformem suas identidades.

Com relação à educação sexual sob o olhar da escola, observa-se a dificuldade encontrada pelos pais no que concerne à discussão com seus filhos sobre a sexualidade. Deste modo, a escola assumiu parte dessa responsabilidade, o que pode ser notado a partir da citação de Jesus (1999, p.456), que afirma a escola como “um espaço social significativo para onde o adolescente pode levar suas experiências de vida, suas curiosidades, fantasias, dúvidas e inquietações sobre a sexualidade”.

A escola exerce uma função demasiadamente importante na vida dos alunos. Atualmente ela acaba sendo parte quase que total da educação e do processo ensino aprendizagem dos alunos. A família deixou de fazer o seu papel de educar e acabou transferindo todas as responsabilidades para a escola, diante destas circunstâncias

percebe-se que os alunos levam para a escola uma bagagem mínima de informação e assim a escola torna-se fundamental na vida dos adolescentes. (AQUINO, 1997).

A escola, bem como o seu corpo docente, tem o dever de transferir aos alunos todo o conhecimento necessário para que ele se torne um cidadão justo e respeitoso perante a sociedade, e, dentre estas informações dos saberes, entra também o estudo sobre adolescência e sexualidade. (AQUINO, 1997).

Além desses aspectos ainda destacamos outras dificuldades, pois geralmente nas escolas, esse trabalho com a Educação Sexual é atribuído pela comunidade escolar aos professores de Biologia e Ciências a responsabilidade de orientação e conteúdo sobre o tema, e infelizmente tal prática ou discussão ainda não ocorre de maneira natural nos contextos e nas diferentes disciplinas. Talvez resida aí uma das principais dificuldades dos docentes das diversas áreas em não sentir-se preparados para discutir o tema. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p.31), os temas transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. Os mesmos devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola de forma inter e transdisciplinar, e que tenha habilidade para inserir temas transversais que fogem da sua área de formação e especificidade.

Por conta disso, os PCNs retratam que:

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). (BRASIL, 1997, p. 31).

Com relação às dificuldades encontradas pelos professores e técnicos pedagógicos, por exemplo, destaca-se também a mediação de conceitos relacionados à sexualidade, onde os estudos nos colocam que os professores têm muitos bloqueios para adotar diferentes metodologias que ajudem a encontrar respostas a diferentes questões, a diversidade dos grupos da sala e até para suprir o constrangimento tanto de alunos como de professores se porventura surgir. A esses fatores somam-se até o desconhecimento da temática.

Sayão (1997), lembra que o professor deve ser o mediador e o organizador do processo pedagógico, favorecendo um novo olhar sobre a situação, propondo outras

fontes de informação e fazendo com que o aluno reflita sobre novas construções de pensamentos.

Na realidade, não é culpa desses profissionais, pois temos, de acordo com Figueiró (2010), a falta de contribuições teóricas para o trabalho com a temática, que se torna um problema para os professores, que se deparam a todo o momento com as manifestações da sexualidade pela escola.

De acordo com as questões, as dificuldades que os professores e técnicos pedagógicos, possuem podem ser minimizadas a partir do momento em que se desenvolvem segurança em falar sobre o assunto em sala de aula e consegue dialogar os assuntos com todos na sala. Dessa forma, acreditamos que aos poucos essa facilidade na mediação vai se concretizando no ambiente escolar.

Ainda segundo Gavídia (2002), percebe-se que existe uma ausência de formação inicial dos educadores sobre a transversalidade, visto que este assunto não foi tratado no curso universitário e em razão dessa lacuna, nota-se uma situação de desprezo ao que representam as matérias transversais, de desenvolvimento de atitudes, de contextualização dos temas de estudo, de aproximação à realidade e às necessidades dos alunos. Outro requisito básico para o professor assumir a responsabilidade de um projeto de educação sexual, é sua necessária formação neste tema, pois, torna-se difícil trabalhar de maneira efetiva qualquer tipo de situação dentro da educação, se os educadores não tiverem o preparo necessário para entender e compreender os principais problemas causados e que prejudicam a sociedade e os alunos em particular ficará difícil à disseminação entre os adolescentes.

Como citado anteriormente, as pesquisas indicam leituras que existem vários fatores que contribuem para que não se trabalhe de forma adequada a temática da educação sexual, sendo que em primeiro lugar, a maior parte dos professores não teve formação acadêmica sobre esse tema em suas licenciaturas para se apropriar de conhecimentos que vêm sendo produzidos já há algumas décadas nesse campo. Louro (2004, p. 68), aponta que, “no campo da educação. A ignorância sempre foi concebida como o outro do conhecimento e, então, repudiada. Agora, a ideia é compreendê-la como implicada no conhecimento, o que surpreendentemente, leva a considerá-la valiosa”. A autora explica que o problema, quando exposto, deixa de fora outras perguntas. Sendo

assim, o que fica de fora é a resistência ao conhecimento e é justamente o que nós deveríamos incentivar a compreender.

Por outro lado, o diálogo é imprescindível para mediar à temática sexualidade, e nem é necessário que o professor seja um especialista no assunto, mas que seja capaz de propor alternativas que incluam a sexualidade como tema, favorecendo a reflexão e o debate de ideias, pois muitos professores ainda se sentem despreparados para tratar esse assunto, o que pode ser reflexo de sua formação como coloca Silva (2013):

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; procedendo, anestesia ao resto do corpo. (p.13).

É de suma importância que os professores reconheçam a necessidade de trabalhar a sexualidade, para explorá-la para além da perspectiva biológica. Tonatto e Sapiro (2008) afirmam:

Os professores, [...] apesar de perceberem a necessidade de adotar uma abertura para o tratamento das questões relativas à sexualidade na escola, continuam sem subsídios adequados para essa questão. Sendo assim, geralmente, acabam por relegá-la a um enfoque totalmente biologizante, que tem como função de preservar o educador frente aos alunos, com relação aos seus próprios questionamentos receios e ansiedades. (p. 167).

Diante das questões, apresentadas é possível notar que, o professor tem um importante papel na mediação de conteúdos no ambiente escolar, mas quando se trata do tema sexualidade existem algumas dificuldades e facilidades. Desidério (2014), explica que as dificuldades que os professores apresentam estão relacionadas à repressão sexual recebida, insegurança na utilização das palavras e na mediação do tema, além temer a abordagem psíquica do assunto, buscando somente mediar questões a respeito da anatomia do aparelho reprodutor.

Apesar de essas dificuldades retratarem o tipo de abordagem feita pelo professor, vale ressaltar que existem facilidades nesta mediação. Desidério (2014), descreve como facilidades: a necessidade que os alunos possuem em falar sobre o assunto, pois, a partir daí, pode-se desenvolver melhor a temática, o que leva o professor a ter mais segurança em discorrer sobre o assunto.



Em segundo lugar, as implicações dos sujeitos nas suas práticas pedagógicas se constituem em outra dificuldade de abordagem dos conteúdos sobre a temática da Educação Sexual, ou outros conteúdos relacionados ao tema. Esta implicação perpassa pela autoria do discurso, do seu lugar de fala e por interesses políticos. Michel Foucault (1998), ao analisar o poder do discurso fala da importância de “ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiras nem falsos”. Sendo assim, qualquer docente, em sala de aula, é um sujeito implicado porque vai se expressar a partir de seu ponto de vista. Para Foucault (1986, p, 102), “a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados do poder”.

Pensando por esse lado uma das questões mais presentes, e que possui relação direta com as questões relacionadas à sexualidade, vêm do discurso religioso fundamentalista. A Constituição Federal de 1988 proclamou o Estado brasileiro como laico. Nesse contexto, emerge a dificuldade discursiva da docência, quando as suas próprias crenças impossibilitam o mergulho na diversidade. Debate esse que tem ganhado voz com as contribuições de Diniz (2013), que, a partir de Dez palavras sobre laicidade, conclui: laicidade é liberdade, igualdade, não-discriminação, rejeição ao discurso do ódio e respeito à diversidade.

A terceira razão para não se tratar do tema Educação Sexual é a proteção das crianças, sendo assim, vale repensar as considerações apontadas por Foucault quando trata da sexualidade e as crianças. O autor nos possibilita pensar a escola como uma fábrica de construção de corpos dóceis (FOUCAULT, 2009, p.131). O mesmo autor afirma que:

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fecharem os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decreto, como condenação ao desaparecimento, mas também com injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (FOUCAULT, 1988, p.10).

De acordo Araújo et al (2018), a escola, de um modo geral, está organizada de forma seriada e seus conhecimentos são passados na medida em que os alunos vão

avanzando a cada série, acompanhado da suposta ideia de que existe uma idade para cada conhecimento, e que todas as crianças aprendem da mesma maneira e no mesmo ritmo contrariado essa expectativa.

É notável que as crianças começam suas indagações, principalmente sobre aspectos relacionados a sexualidade a partir dos 3 anos. O médico austríaco Sigmund Freud (1905), por exemplo, dividiu o desenvolvimento sexual do ser humano em diferentes fases, conforme os órgãos, seres e objetos que proporcionam prazer e a relação que o indivíduo estabelece com eles, estas fases estão divididas da seguinte maneira:

**Fase oral:** Até os 2 anos, o órgão que concentra o prazer é a boca. É por meio dela que o bebê descobre o mundo, explorando objetos e partes do corpo. Os cuidados com segurança e limpeza são essenciais para que a curiosidade seja saciada sem afetar a saúde.

**Fase anal:** aprendendo a controlar o esfíncter, a criança de 3 e 4 anos sente prazer na eliminação e na retenção das fezes e da urina. Por isso, pressionar para que ele largue as fraldas gera ansiedade e angústia. O ideal é elogiá-la quando pede para ir ao banheiro ou toma sozinha a iniciativa.

**Fase fálica ou genital:** Entre os 3 e 5 anos, a atenção se volta para o próprio órgão sexual e nasce o prazer em manipulá-lo. Essa atitude é também uma busca pelo autoconhecimento. Meninos e meninas percebem que têm (ou não) pênis. A vagina ainda é ignorada.

**Latência:** A curiosidade sexual existe, mas é canalizada em grande parte para o desenvolvimento intelectual e social. Apesar desse desvio da libido, dos 5 aos 11 anos a criança continua explorando as diferenças para descobrir o que é ser menino ou menina.

**Puberdade:** Dos 12 aos 18 anos, o adolescente volta à fase genital, mas dessa vez o desejo vira vontade de fazer sexo. Os fatores sociais e emocionais que se ligam ao prazer ganham importância. A ação dos hormônios se intensifica, e o corpo amadurece. É comum o jovem se masturbar, ter sonhos eróticos e fantasias. Nas meninas, é tempo da primeira menstruação.

Com essa classificação apresentada por Freud (1905), pode-se afirmar que pais e professores devem estar atentos aos primeiros indícios de constituição da sexualidade que surgem ainda na infância. Nesse sentido, cabe destacar que a sexualidade descrita por Freud (1905), implicam em processos de formação da identidade

e da personalidade dos sujeitos e considera a infância como fase primordial nesse processo.

Para Araújo (2018), outra questão importante em relação à temática é o entendimento de que falar sobre sexualidade é o mesmo que explorar os conteúdos curriculares de reprodução humana, que está ligado ao conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis. Como já citado nesse trabalho nas matérias de Biologia e de Ciências que os professores ficam reiteradamente responsáveis para trabalhar desses assuntos, sendo que, é importante não limitar essa abordagem apenas às perspectivas biológicas de ciências modernas, negando suas implicações socioculturais.

De todas as razões já citadas até aqui, a docência pode se posicionar de várias formas. Sendo que pode calar, é com o silêncio, ser cúmplice das injúrias e demais violências praticadas por estudantes e/ ou docentes; pode abertamente se posicionar ao apoiar os movimentos discriminatórios; pode também oportunizar o aparecimento do discurso religioso para condenar esse/a ou aquele/a estudante; pode buscar a gestão e a família para tentar “resolver o problema” do/a estudante afeminado/a (MISKOLCI, 2012, p.58 a 60); mas pode, ainda, em um processo dialógico permanente e cuidadoso, aproveitar as inúmeras situações que surgem no cotidiano escolar para lidar com a Educação Sexual e buscar problematizar as temáticas independentes da disciplina lecionada. Cala-se é uma postura de cumplicidade com o preconceito sendo consequência da ignorância sobre o assunto.

A educação sexual nas escolas brasileiras ainda é um tema controverso e desigualmente trabalhado em diferentes regiões do país. Em geral, as escolas trabalham a educação sexual de forma transversal, ou seja, integrando esses temas a responsabilidade da disciplina de ciências e excluindo essa temática de outras disciplinas.

Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a abordagem é mais voltada para a questão do corpo, respeito às diferenças e à diversidade. Já nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a educação sexual passa a ser mais específica, incluindo temas como anatomia, fisiologia, métodos contraceptivos, prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis DSTs e gravidez na adolescência, além de questões de gênero, diversidade sexual e respeito às diferenças.

Além disso, é importante destacar que, em 2019, o Ministério da Educação lançou a Política Nacional de Educação Sexual, que prevê a implementação de ações de educação sexual nas escolas públicas do país, como a capacitação de professores, o desenvolvimento de materiais didáticos e a criação de espaços de discussão e reflexão sobre esses temas.

No entanto, apesar dos avanços, ainda há muitos desafios a serem enfrentados na educação sexual nas escolas brasileiras. Falta de formação adequada dos professores, resistência de setores conservadores da sociedade e falta de políticas públicas efetivas na área de educação sexual ainda são alguns dos obstáculos a serem superados para que a educação sexual nas escolas seja de fato inclusiva e abrangente. Por questões como essas e outras é que a Educação Sexual nas escolas ainda é um processo de muito trabalho que os gestores das escolas enfrentam e quem mais sofrem são as crianças com a falta de informação, essas crianças sofrem com os problemas que interferem nos esclarecimentos da Educação Sexual, pois essa temática ainda não é um assunto fácil de ser discutido.

### **3.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS DO BRASIL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS**

Considerando o objetivo geral da presente pesquisa, qual seja compreender de que formas as escolas atuam em relação à Educação Sexual de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental apresentamos esse trabalho de revisão da literatura realizada a partir da compilação de algumas pesquisas que contribuíram para a fundamentação das discussões sobre o tema que temos apresentados até aqui.

São muitas as pesquisas que estudam a Educação Sexual nas escolas. Em um estudo qualitativo, Fiorini (2016), investigou de que forma a questão da sexualidade era abordada por docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental numa escola do município de Marília-SP. Para isso a autora realizou entrevistas com dezoito professores (as) de onde foram citadas sete categorias temáticas relacionadas à questão da sexualidade na escola: 1. Relatos de experiências com a sexualidade na escola: manifestações e práticas; 2. Currículo destinado à educação sexual: conteúdos e perspectivas; 3. Conceitos: sexualidade e educação sexual; 4. Necessidade de educação sexual na escola; 5. Entraves da educação sexual na escola; 6. Relatos de memórias sobre a educação sexual

dos/as educadores/as e; 7. Medidas importantes para o trabalho com a sexualidade na escola, segundo os/as entrevistadas.

Fiorini (2016), concluiu em sua pesquisa que, no dia a dia, o educador/a prefere omitir algumas informações sobre a temática, segundo. Segundo a autora, os professores/as tem a dificuldade em lidar com temas relacionados às questões de gênero e corpo, e, além disso, alguns valores religiosos são também ensinados para a criança ao apresentar o conceito de que a sexualidade natural seria aquela decorrente da relação entre o homem e a mulher, e que somente esta seria parte de “Deus”, segundo os ideários cristãos. A autora ainda fala que os/as entrevistado/a justificam sua omissão e o não aprofundamento dos assuntos envolvidos no questionamento da criança; pelo medo, o que demonstra sua insegurança ao abordar temas como esse.

Segundo Fiorini (2016), é possível observar, mais uma vez, além da ideia de que na escola deve-se abordar somente o que os/as alunos/as querem e podem saber a questão da idade apropriada para aprender temas relacionados à sexualidade. A autora ainda afirma que é possível perceber que a maioria dos/as professores/as entrevistados tentam abordar a sexualidade; com a criança; por meio da conversa, respondendo a seus questionamentos de forma limitada e sem adentrar temas que podem gerar discussões mais aprofundadas pelo fato de ainda serem assuntos considerados polêmicos no contexto social. Seguem a ideia de que existe uma determinada faixa etária em que é pertinente tratar de alguns assuntos relacionados à sexualidade e que, portanto, a forma como abordá-la na escola, depende da idade das crianças, a qual é o fator que demonstrará se essas têm ou não capacidade de compreensão sobre as questões sexuais.

Visando nos aspectos apontados por Fiorini (2016), que a manifestação da sexualidade não é ignorada pelos/as entrevistados/as. Não há também a ideia de que a criança que o faz deve ser reprimida ou punida, porém, percebe-se que há limitações no momento de falar sobre o assunto, omitindo-se e transmitindo-se alguns equívocos, bem como alguns preconceitos acerca do tema. Por outro lado, a limitação dos conteúdos sobre a sexualidade, na qual os temas são trabalhados pelos/as professores/as segundo a faixa etária das crianças, pode ter relação com a forma como eles/as compreendem o currículo acerca da sexualidade.

Fiorini (2016), identificou que os conteúdos trabalhados pelos/as professores/as entrevistados/as limitam-se ao sistema reprodutor, bem como ao conhecimento sobre o

que eles/as dizem serem as diferenças entre homens e mulheres, se referindo aos aspectos físicos. A autora apresenta que; segundo os entrevistados/as; a sexualidade até o quarto ano limita-se ao conhecimento sobre o corpo, estabelecendo-se as diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino. Os demais assuntos, relacionados à sexualidade, fariam parte do currículo destinado ao quarto e quinto ano do Ensino Fundamental. Nesse sentido, percebe-se que os/as entrevistados/as limitam suas práticas em educação sexual aos conteúdos curriculares destinados a cada ano/série. Ainda segundo a autora alguns/mas professores/as, até mesmo dos anos em que compreende-se que a sexualidade adentre o currículo, dizem não conhecer os conteúdos sobre o tema.

Assim Fiorini (2016), afirma que é possível compreender que os/as entrevistados/as concebem o currículo como uma verdadeira grade de conteúdos, já que esta parece aprisionar as práticas dos/as professores/as que, por sua vez, limitam seu trabalho somente ao que é apresentado nas políticas curriculares destinadas às turmas para as quais lecionam, muito embora relatem expressões da sexualidade em turmas cujo currículo municipal, segundo sua informações, não aprofundam assuntos relacionados à sexualidade. Nesse sentido, percebe-se não somente um aprisionamento, como também um distanciamento dos/as educadores/as sobre a construção do currículo.

Ainda conforme Fiorini (2016), em algumas falas, é possível perceber que o trabalho que envolve o tema da sexualidade é necessário somente quando a própria criança sente essa necessidade. Em outros momentos, a fala dos/as professores/as indica que há certo cuidado e limite para abordar a temática na escola. Os entrevistados relataram muitas situações que tornam-se grandes empecilhos para essa questão como, por exemplo não saber como falar sobre o assunto, a linguagem pertinente para utilizar, os conteúdos adequados, o limite da abordagem, são alguns dos problemas citados. Portanto, é possível estabelecer a relação entre a formação desses/as profissionais e suas dificuldades com a educação sexual das crianças.

Fiorini (2016), destaca o medo sobre a reação das famílias está em um dos argumentos mais utilizados para justificar a não abordagem da sexualidade. Nos relatos dos sujeitos é possível observar algumas passagens em que a família acaba sendo um entrave no trabalho não somente com a sexualidade, mas com diversos temas.

Para afirmar essa fala relatarei a seguir a reportagem de uma professora que foi demitida após tirar dúvida de uma aluna sobre de onde vem bebês.

“A professora rondoniense contou que foi demitida de uma escolar particular que fica no município de Cerejeiras, Rondônia, por ter explicado a seus alunos como “de onde vêm os bebês e como eles são feitos”. O assunto abordado em sala teria gerado a revolta de alguns pais”.

Eliana Cosmo, 36 anos, explicou que abordou o tema em sala de aula depois que uma aluna do 5º ano, em uma sala com crianças com idade entre 10 e 11 anos, pediu explicações a ela sobre o assunto. Ao perceber que outros estudantes também compartilhavam da mesma dúvida, ela decidiu falar sobre o tema com as crianças.

“Uma aluna levantou a mão e fez a pergunta. Ela contou que a mãe não teria respondido à sua dúvida e mandou ela perguntar para a professora. Diante da situação, perguntei na sala da aula e outros quatro alunos também disseram não saber de onde vinham os bebês, por isso resolver explicar disse a professora.

“Eu expliquei que para fazer um bebê precisa de um homem e uma mulher. Os dois, juntos, em um ato sexual. A mulher é quem vai gerar, porque tem o útero, e o homem é quem fabrica o espermatozoide, e ainda expliquei que para fazer um bebê era preciso ser maior de idade porque era muita responsabilidade”, explicou.

Após essa explicação da professora houve uma revolta com alguns pais, onde se deu na demissão da professora Elaine Cosmo, o que deixa claro os grandes tabus que ainda as escolas enfrentam e lamentável ver que as escolas ainda adotam posturas ultrapassadas como não discutir sobre Educação Sexual.

A conversa com a direção que resultou infelizmente na demissão da professora foi no dia 25 de outubro de 2022. No encontro ela teria sido informada que os pais do aluno haviam reclamado do conteúdo demonstrado em aula e exigiram uma providência. A professora alega que a explicação foi feita de forma didática e simples. Ainda segundo Elaine, ela trabalhava havia três meses na escola e tinha uma boa relação com os pais e com a direção local.

Diante do que foi exposto, sabe-se que as crianças sem informação ficam desprotegidas, vulneráveis e em risco, sendo possível, portanto ensinar autoproteção sem assustá-las, assim como ensinamos sobre proteção aos outros perigos sem instalar o medo conforme a idade e a capacidade de compreensão da criança.

Quando uma criança pergunta para os seus pais como nascem os bebês, devem serem dadas respostas concretas e não ficar fantasiado explicações do tipo: foi a cegonha que trouxe, foi o papai que colocou uma sementinha, isso não é conversa de criança todas essas respostas estão erradas, pois, para criar uma relação de confiança com as crianças sempre é necessário falar a verdade.

A família é, pois, responsável pela maturidade sexual dos filhos, por sua identificação ao papel feminino ou masculino, bem como sua definição relativa ao sexo. A questão é que muitas vezes ela não se dá conta de que as suas condutas também são formas de educar. Pois “o que a criança imita primeiro não é alguém, são as condutas”. (SIQUEIRA, 2004, p. 150).

Os pais devem estar cientes de que é imprescindível, mas não exclusiva, a atuação da escola no processo de educação sexual emancipatória dos seus filhos, pois a escola é uma das instituições sociais que tem a função de possibilitar a construção de conhecimentos condizentes com a vida. Entretanto, a família não deve delegar apenas a escola a esta função.

Em outro estudo também qualitativo, Santana (2009), analisou as práticas discursivas e institucionais sobre a sexualidade e a educação na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, onde foram investigados os documentos curriculares e as falas de sete professoras de ciências, obtidas a partir de entrevistas. A pesquisa teve como objetivo, compreender como essas práticas discursivas engendram uma forma peculiar sobre “o que” e “como” ensinar a respeito da sexualidade nas escolas municipais de Curitiba.

Para isso foram propostas algumas problematizações para o estudo e investigação sendo: 1. Como as práticas discursivas sobre a educação sexual se constituíram nos documentos da Secretaria de Educação da Prefeitura de Curitiba? 2. Como se definem os conteúdos e as abordagens didático - pedagógicas da educação sexual nas escolas do município? 3. Por que a disciplina de ciências se consolidou como o *locus* privilegiado do discurso autorizado sobre a sexualidade? 4. Como se constituem as falas das professoras de ciências em relação à educação para a sexualidade? 5. Quais conteúdos são, explícita e implicitamente, veiculados acerca desse tema?

Uma observação importante da autora é que segundo o departamento de Recursos Humanos da Secretaria Municipal da Educação, existem 76 profissionais que lecionam ciências. Desse total, apenas 3 são do gênero masculino e o restante é do gênero feminino.



Ou seja, existem 73 professoras de ciências na Rede Municipal de ensino de Curitiba. Por esse motivo todas as entrevistadas são mulheres.

Santina (2009), relata que as escolas da Rede Municipal de Curitiba desde a publicação do Tema Transversal Orientação Sexual, realizam uma educação sexual de forma disciplinar nas aulas de ciências ou no Projeto Saúde e Prevenção, ao invés de transversalmente como requerem os PCNs. Segundo a autora, isso reforça a ideia de que para falar de sexualidade na escola é necessário primeiro conhecer o corpo anatômica e fisiologicamente. Na escola, quem possui esse conhecimento é o professor de ciências, pois ele é o lugar do saber científico a respeito do corpo e conseqüentemente esse saber é necessário para explicar as verdades sobre o sexo. Essas falas demonstram que as professoras de ciências tratam como natural a vinculação das discussões de sexualidade à disciplina de ciências, argumentando que o fato da disciplina tratar de questões referentes ao corpo biológico; configurando-se como um caminho para que as/os estudantes sanem suas dúvidas e busquem esclarecimentos sobre o assunto.

Ainda segundo Santina (2009), o que importa não é a formação de quem fala, mas o lugar de onde falam. E esse lugar é o da professora de ciências, que na escola representa o lugar da autoridade científica. Santina (2009), ainda destaca que nas falas; fica evidente que a educação sexual nas escolas do município, oficialmente tem como pré-requisito aprender sobre o corpo a partir de seu interior, de seus órgãos, da sua anatomia, e se resume a uma educação sobre a reprodução. A professora de ciências é vista como a orientadora da sexualidade individual das alunas e dos alunos ou é chamada para resolver "problemas", pois está autorizada para isso.

A partir de Santina (2009), a mesma mostra que as professoras das escolas de Curitiba, trazem sempre o discurso científico a partir do qual onde apresentam os modelos de verdade. São as ciências da natureza – a biologia, a fisiologia, a anatomia e a genética – que emprestam seus modelos para a escola a fim de abastecer o discurso da normalidade. Ainda segundo a autora, nós, as professoras, as mães e os pais das/os estudantes, não falamos sobre esse tema, pois fomos ou somos reprimidos, tímidos e medrosos em relação ao sexo. Parece que sempre existe algo secreto no sexo, que ainda precisa ser descoberto e que estamos à procura da sua essência. O sexo é considerado uma coisa difícil, perigosa, mas necessária e preciosa que tem de ser dita na escola.

As entrevistas revelaram que as professoras sentem necessidade de um especialista que trate especificamente sobre o tema da Educação Sexual, justificando essa necessidade por se sentirem incapazes, e por não terem domínio de algumas questões relacionadas à temática, além de ser uma alternativa para o que consideram que falte nas escolas. (SANTINA, 2009). A autora analisa que a escola passa a ser pensada como um espaço privilegiado da intervenção do dispositivo político da sexualidade, buscando expandir o impacto sobre a população através do controle do sexo das/os adolescentes.

Santina (2009), concluir que o que foi demonstrado pela pesquisa da qual é de sua autoria, é que nos últimos anos a Rede Municipal de Ensino de Curitiba quando trabalha a educação sexual a realiza de duas formas: por meio da disciplina de ciências quando se desenvolve conteúdos sobre sistemas genitais e reprodução humana ou utilizando os modelos do Projeto Saúde e Prevenção.

A autora explica que as aulas de ciências da natureza são consideradas momentos específicos para se falar sobre o corpo humano, portanto; é o lugar ideal para as discussões a respeito da sexualidade. As professoras e os professores de ciências são autoridades, portadores do discurso científico que se reflete nas práticas de sala de aula. Todos esses procedimentos são sustentados pela instituição escolar pela necessidade de legitimar o discurso da sexualidade a partir do argumento científico, cuja metodologia acaba sendo reduzida ao uso do livro didático.

A partir desse estudo Santina (2009), identificou que, na prática de sua execução, a educação sexual nas escolas de Curitiba ainda, inclusive aquela desenvolvida pelo Projeto Saúde e Prevenção, está fundamentada em saberes científicos advindos da medicina e da psicologia, buscando regular as experiências sexuais das/os estudantes não pelos rigores das proibições, mas por meio de instruções e práticas úteis.

Fazendo uma breve reflexão sobre a pesquisa e os dados que Santina (2009), apresenta, temos que ter consciência e entender que os professores, independente da área de formação, devem contribuir para que os tabus e preconceitos ligados à sexualidade sejam excluídos ou no mínimo suavizados e que o conhecimento geral dos educandos sobre o assunto seja melhorado para que cada indivíduo viva de forma apropriada e singular a sua sexualidade. Para Suplicy (1983), o objetivo da educação sexual nas escolas consiste em colocar professores com um preparo adequado para ajudar os educandos a superarem suas dúvidas, ansiedades e angústias em relação à temática.

É necessário que a escola, enquanto instituição educacional reconheça que a educação sexual emancipatória não se restringe ao mero aprendizado dos aspectos anatômicos e biológicos do corpo humano. Compreende-se que a abordagem da sexualidade em sala de aula deve extrapolar a visão biológica e a descrição fragmentada e fria do corpo, pois se trata de uma característica influenciada fortemente pelos fatores sociais e culturais de um povo em um determinado período de história. Discutir essa temática significa, portanto, ampliar as discussões sobre emoções e valores ligadas a ela.

A partir de uma pesquisa etnográfica, Quirino e Rocha (2010), tiveram como objetivo descrever o trabalho de educação sexual realizado por professores/as e apreender os valores e as atitudes destes/as em relação à sexualidade no espaço escolar em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, de Juazeiro do Norte, CE. A escola tinha 1.485 estudantes matriculados/as, divididos/as nos turnos manhã, tarde e noite, provenientes de, aproximadamente, seis bairros do município, oriundos/as, em sua maioria, das classes sociais mais populares e de famílias com baixo grau de instrução.

Para isso foram realizadas observações nas aulas de Matemática, Português, Artes, Educação Física e Geografia. Além das observações, autoras realizaram sete entrevistas semiestruturadas com os/as professores/as cujas aulas foram observadas. Participaram da pesquisa quatro professoras e três professores, a média de idade foi de 37 anos, com variação de trinta a 45 anos. Quanto à religião, todos/as se declararam católicos/as.

Os dados da pesquisa indicam que os/as docentes entendiam a educação sexual a partir de alguns aspectos como: um processo de orientação; no qual ocorreria a preparação dos/as jovens para a relação sexual, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, descrição da fisiologia e desenvolvimento corporal, e conhecimento das relações sociais que modulam os papéis de gênero e da orientação sexual. (QUIRINO; ROCHA, 2010).

Nas pesquisas realizadas os dados mostram que os professores/as acreditam que a está temática, só deve ser iniciando no quarto ou quinto ano do Ensino Fundamental, sendo obrigação da disciplina de ciências o espaço destinado para a realização desta orientação.

Aqui trago uma colocação, não é apenas obrigação da disciplina de ciências fazer a discursão da educação sexual em sala de aula, isso deve ser obrigação de todas as disciplinas, pois são informações que todo os alunos precisam para se desenvolverem,

embora algumas professoras acreditem que essa educação tem que ser trabalhando com a família e que ministra tais conhecimentos pode estimular a prática sexual, onde isso gera tabus e medos para ser discutido.

Quirino e Rocha (2010), ressaltam que o trabalho de educação sexual; ocorria em contexto específico, a partir de demandas do grupo de alunos que eram externadas por meio de perguntas, de dúvidas e do comportamento delas/as. Os autores ainda destacam que as entrevistadas/os relataram quem nem sempre o tema era suscitado de forma explícita, podendo apresentar-se por meio de piada ou brincadeiras, na qual estava implícita a sexualidade. Quirino e Rocha (2010), destacam a pouca sensibilidade para essa percepção, o despreparo teórico-conceitual sobre a temática, a dinâmica do trabalho pedagógico que privilegia conteúdos formais, e o desinteresse dos/as professores/as em discutir com os/as alunos aspectos voltados para a sexualidade.

Além desses fatores, Quirino e Rocha (2010), trazem apontamentos que os entrevistados/as levantaram onde questionam que o trabalho de educação sexual deveria ser desenvolvido de forma grupal, pois, na percepção docente, os aspectos relativos à sexualidade não deveriam ser tratados de forma individual, entretanto seria importante que fosse de uma maneira que não discutissem de fato as demandas da temática. Os autores destacam que havia quem defendesse a manutenção do tema de forma transversal, e existia quem acreditava que deveria haver disciplina específica, pois, no geral, os/as alunos necessitavam de informações.

Quirino e Rocha (2010), ressaltam que; ainda; encontramos a associação da educação sexual com as aulas de Ciências. Segundos os autores as ser feito o contato para a entrevista queriam que as entrevistas fossem destinadas as observações nas aulas de Biologia, os autores afirmam que essa ideia foi reiterada ao se constatar que, na sala de multimeios, os livros relacionados ao tema sexualidade estavam incluídos juntos aos de Biologia, o que faz com que as disciplinas das chamadas Ciências da Natureza encontrem legitimidade na produção de um discurso reconhecido como verdade.

Além dos temas destacados anteriormente, os participantes destacaram alguns temas relevantes para o trabalho de educação sexual como; gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, a virgindade, o ato sexual, homossexualidade, e os métodos contraceptivos – estes incluíam: tabela, camisinha e pílula. Os autores ainda apresentam que todo o processo didático pedagógico da educação sexual; ainda está

voltado para atitudes e valores de ordem pessoal e moral, sendo que em certas situações chegavam a avaliar a orientação sexual pelos estereótipos. (QUIRINO; ROCHA, 2010).

Outro dado relevante do estudo realizado por Quirino e Rocha (2010), foi que mesmo quando os alunos traziam o assunto para discussão em sala os/as estudantes, os/as professores/as se omitiram em realizar intervenção conceitual ou pedagógica. Quando, em algum momento, o conteúdo trabalhado no material didático, em forma de apostila, fornecido pelo Governo do Estado do Ceará; permitia a introdução ou discussão mais aprofundada do assunto, esta era realizada de forma superficial e permeada de valores morais e pessoais. Essa atitude de pouco problematizar e silenciar-se quanto aos assuntos sexuais pode ser considerada paradoxal na sociedade brasileira, marcada por manifestações da sexualidade, expostas por meio de piadas, gracejos, em fotos de capas de revistas, nas danças dos programas televisivos, nas imagens comerciais ou na rede cibernética.

Os autores ainda afirmam que os/as professores/as reconheceram que necessitavam de melhores informações para conseguir lidar com essas situações, acrescentando que a orientação deveria ser extensiva para aos estudantes, sendo que poderia acontecer por meios de oficinas e capacitações voltadas para sensibilização dessas questões. Entretanto, o que se observou foi um silêncio generalizado dos/as docentes. Essa atitude pode ser decorrente de alguns elementos como: o uso habitual do termo, que promoveu um processo de dessensibilização, a falta de referencial teórico-conceitual que permita abordar a temática, ou, ainda, a legitimação da agressão, referendando o preconceito.

Quirino e Rocha (2010), concluem sua pesquisa afirmando que, a prática docente em educação sexual na escola estudada, apresentou-se assimétrica entre o plano discursivo e as atitudes frente ao trabalho pedagógico desenvolvido pelas/os atrizes e atores sociais da pesquisa. No entanto, alinhada aos valores pessoais e morais em torno da sexualidade e de temas considerados mitos e tabus, os temas sugeridos pelos/as docentes para o desempenho de uma educação sexual na atualidade ficaram concentrados em torno de mitos e tabus sexuais de base fisiopatológica e/ou epidemiológica, o que sinalizou que as/os professoras/es internalizaram as ideias biomédicas do disciplinamento dos corpos, mesmo assim, este aspecto não mostrou-se suficiente para a mudança de atitude destas/es.

Com bases apontadas na pesquisa de Quirino & Rocha (2010), é notável que a maioria dos profissionais ainda tem dificuldades em falar sobre a temática da Educação Sexual, sendo que são perceptíveis os preconceitos e tabus que necessitam ser quebrados para que essa temática seja trabalhada e discutida de forma adequada e clara pra garantir o entendimento de todos/as.

Em outra pesquisa de caráter qualitativo, Santos, Assis, Marra e Oliveira (2021), no intuito de descobrir e entender como é a Educação Sexual no ambiente escolar e todas as vertentes que envolva a, além da pesquisa bibliográfica, realizaram também uma pesquisa de campo, envolvendo a aplicação de questionário digital a 10 docentes da educação básica de diferentes áreas de atuação disciplinares, foram inseridas onze perguntas abertas ao questionário, onde foram entrevistados dez professores/as com idade que varia de 28 á 41 anos.

Santos, Assis, Marra e Oliveira (2021), destacam que a maioria dos entrevistados/as relatam que essa temática teria que ser abordada de forma leve, conhecendo a individualidade de cada aluno para não gerar nenhum tipo de constrangimento e invasão, não explorando os limites, mas trabalhando de acordo com a necessidade de cada turma. Segundo as autoras tal tema deve ser abordado desde os anos iniciais do ensino fundamental, sendo que a idade de dois anos foi citada na entrevista enfatizando que de forma leve de acordo com a especificidade da criança.

Santos, Assis, Marra e Oliveira (2021), notaram que há um receio de se trabalhar o tema, não somente pela insegurança em introduzi-lo muito cedo, mas também sobre como tratar em um ambiente escolar. As autoras enfatizam que os temas eram vistos como tabus inapropriados para se abordar com crianças, não tendo sido, portanto, tratados durante seu período de formação. Seguindo a linha de raciocínio apresentada as autoras percebem que muitos docentes são resistentes a essa temática e que é notável a precariedade de formação continuada na maioria das respostas.

As autoras identificaram que algumas professoras possuem suporte através de psicólogas que estão à frente de projetos e orientação de professores, mas a grande maioria infelizmente não tem nenhuma formação continuada sobre esse tema, o que denota um desinteresse das escolas e redes de ensino em propiciar a democratização das discussões sobre a sexualidade na escola.

Segundo Santos, Assis, Marra e Oliveira (2021), os pais aparecem como empecilho para a abordagem sobre educação sexual, salientando que a maioria das famílias associa a educação sexual com relação sexual, que reflete as noções equivocadas do senso comum acerca da temática, minimizando a sua relevância para a formação de seus filhos. As autoras expõem que a maior dificuldade em abordar a temática é que a maioria das entrevistadas/os não obteve informações sobre a sexualidade em seu ambiente familiar, alegando os pais serem conservadores.

Nesse sentido, Santos, et al (2021), ressaltam a escola não trabalha sozinha, e que esse tema está diretamente ligado às famílias, sendo de total relevância a parceria entre as duas partes para uma educação de êxito. As autoras concluem que a escola participante nesse momento oferece o ambiente mais agradável para se abordar o assunto, a partir da perspectiva dos professores, enfatizando que a família é a principal barreira para trabalhar a temática. Concluem que, mesmo com a evolução da sociedade e a mudança constante do ser humano, alguns tabus e tradições são difíceis de serem quebrados. Foi revelado através das repostas deixadas no questionário que ainda existe espanto e falta de interesse das instituições em qualificar e concretizar de maneira correta o ensino da sexualidade, muitas vezes julgando até como algo desnecessário.

Assim, seguindo a análise das autoras, conclui que de fato os cursos de educação continuada são necessários, oferecendo aos professores metodologias atuais e adequadas às necessidades dos alunos e da sociedade atual.

Em um estudo qualitativo realizado em uma escola de rede particular de ensino, de Brasília, Distrito Federal, Silva (2015), investigou as concepções e práticas de pais e professores de alunos do ensino fundamental sobre a educação para a sexualidade, a pesquisa foi feita através de entrevistas semiestruturadas, cujos entrevistados/as foram; dezesseis pais e dezesseis professores de alunos do Ensino Fundamental. Vale destacar que dos dezesseis professores, seis eram membros da equipe técnica e pedagógica da escola pesquisada.

Nessa pesquisa, Silva (2015), destaca que o que dificulta a Educação Sexual no ensino fundamental, são fatores como: a repressão, a vergonha e a religião com seu conceito de pecado. Segundo a autora, o que facilitou discutir um pouco de forma suscita a temática em questão, foi a mídia que ajudou muito a desmitificar a questão do preconceito com a sexualidade. A autora ainda afirma que foi observado nas falas dos

entrevistados/as, que facilitaria muito essa educação seria a política, a partir do momento que há uma legislação, uma orientação aos professores para isso.

Silva (2015), observou que a escola insere a questão da sexualidade de maneira muito lenta, para o necessário de hoje. A autora fala que a convocação de participação da família com relação à educação para a discussão da temática ocorre muito mais no sentido do controle de comportamentos ligados à sexualidade do que quanto ao aproveitamento frente à oportunidade de abrir uma discussão conjunta sobre o tema em questão.

Segundo Silva (2015), a temática da educação sexual em sala de aula, no primeiro ano do ensino fundamental, se resume a aumentar o problema, pois é considerado que alguns pais não concordam que esse tema seja discutido pelos professores/as. A autora ressalta que não só no modelo disciplinar, mas também no modelo transversal a educação sexual acaba se apresentando como mecanismo de controle da produção do discurso de professores. Salienta ainda que alguns dos entrevistados/as ao se depararem com questões envolvendo a temática da educação sexual no que se refere a questionamentos dos alunos sobre suas curiosidades, em sala de aula para ali esclarecer as dúvidas, os professores preferem responder a cada aluno individualmente.

Silva (2015), ressalta que os professores/as tem dificuldades para lidar com a temática, e que alguns recorrem à orientação educacional para se informar de que forma podem lidar com o tema abordado. A autora aponta que a maioria dos entrevistados/as liga o tema da educação sexual a reprodução, cujo foco está ligado no comportamento biológico. Ademais os pais consideram acham que esses temas não devem ser tratado nas escolas, pois podem incentivar as crianças a práticas de sexo, além do medo de que as discussões sejam realizadas de maneira equivocada. Os pais consideram também que apenas eles têm essa responsabilidade de falar sobre a sexualidade com seus filhos quando considerarem adequado para a idade deles. Alguns desses pais inclusive consideram que necessariamente tudo que perguntam.

Silva (2015), concluiu que as pesquisas mostraram que a educação sexual no ensino fundamental não é um tema que os professores gostam de discutir, mas sentem a necessidade de falar sobre a temática quando se deparam com algumas situações com os alunos, os quais os professores/as se sentem desconfortável em explicar, e quando explicado é insuficiente.



Nota-se, portanto, que o tema, da educação sexual ainda é envolvido por muitos preconceitos, mitos, tabus e por uma forte carga emocional, o que pode dificultar que o diálogo sobre o assunto ocorra de forma aberta entre pais, filhos e educadores. A educação sexual é um processo e, desse modo, o ideal é que seja iniciada desde a infância, momento no qual a sexualidade também tem seu início.

Ressalta-se que deve haver a educação sexual, porque é de muita importância para o autoconhecimento do indivíduo um ensino baseado nos direitos humanos, contemplando a sexualidade. Nesse sentido, ressalta-se: Os direitos humanos devem fazer parte do processo educativo das pessoas. Para defender seus direitos, todas as pessoas precisam conhecê-los e saber como reivindicá-los na sua vida cotidiana. Além disso, a educação em direitos humanos promove o respeito à diversidade (étnico-racial, religiosa, cultural, geracional, territorial, de gênero, de orientação sexual, de nacionalidade, de opção política, dentre outras), a solidariedade entre povos e nações e, como consequência, o fortalecimento da tolerância e da paz (RIZZI, 2011, p. 16).

Com isso, a educação sexual auxilia no esclarecimento de dúvidas, por isso é necessário quebrar esse tabu que é falar sobre a sexualidade humana que persiste até os dias atuais pelos setores conservadores da sociedade, pois o ambiente escolar é local oportuno para debater sobre a orientação sexual, além das instituições de ensino possuir o dever de sanar questionamentos sobre o assunto, já que o Estado, por intermédio das escolas precisa assegurar o conhecimento e a informação, de forma, ampla para todos os educandos.

Assim sendo, sexualidade sempre foi parte integrante da vida humana. As questões que envolvam preconceito, discriminação, religião ou a ignorância contribuíram para que se criassem as mais estapafúrdias ideias relacionadas à sexualidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo com tudo que foi relatado até aqui, e esclarecendo o nosso objetivo que foi compreender de que formas as escolas atuam em relação à educação sexual de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, concluímos que a sexualidade faz parte da experiência humana e a escola tem uma função importantíssima na formação de vidas, tanto na construção de conhecimentos intelectuais quanto comportamentais, sociais e o autoconhecimento de si. Por isso, é fundamental que os profissionais da educação atuem nos ambientes escolares sabendo como proceder, trabalhar, conduzir e instruir os alunos, para que eles possam evoluir e conseguir dominar sobre suas vontades.

A luta pela implementação de uma educação sexual escolar, no Brasil, iniciou-se desde as primeiras décadas do século XX, e culminou com a formulação de dispositivos legais que a introduziram na escola por meio dos temas transversais pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Entretanto, configura-se como uma temática polêmica na atualidade, pois, ainda, mantém associação com o discurso higienista e biomédico.

A escola é um dos lugares mais propícios para introdução do tema, pois é nela que deveriam ser encontrados profissionais capazes de lidar com essa situação, de tratar o assunto com responsabilidade e informações fundamentadas cientificamente, de passar confiança para os alunos para terem mais liberdade para questionamentos.

Sabe-se que é obrigação dos pais ensinar aos seus filhos algumas regras de segurança sobre seu corpo, tais como: ninguém deve tocar nas tuas partes íntimas, não debes tocas mas partes íntimas de ninguém; ninguém deve tirar foto de tuas partes íntimas, dizer não se alguém tentar tocar em tuas partes íntimas entre outras. Mas se é obrigação dos pais ensinarem seus filhos porque de fato eles não respondem de forma correta o que lhes são perguntado? Depositando toda responsabilidade para os professores como ainda conseguem alguns pais achar ruim os profissionais tentarem fazer o seu devido papel?

Em 2016, com a aprovação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC, no novo documento unificador proposto pelo Ministério da Educação – MEC, podemos destacar duas questões: a ausência de indicativos para o desenvolvimento de um currículo que contemple as questões de gênero e sexualidade nas escolas; e o Ensino Religioso como disciplina curricular, embora não obrigatória. Por essas questões e por falta de consideração com a próxima que alguns dos profissionais não conseguem administrar

de fato suas aulas como deveriam, pois se fosse obrigatório essa inclusão no currículo muitos dos pais não teriam como contestar a dicursão da temática.

Vimos, no entanto, que nem sempre há um suporte das instituições, apoiando os profissionais em sua formação sobre o tema e nas maneiras de abordagem em uma sala de aula. O que não significa que esta responsabilidade seja apenas da instituição, pois o profissional também não deve se acomodar em seus conhecimentos, mas sim sempre procurar evoluir e atuar de forma contínua e sólida.

A pesquisa trouxe conhecimento sobre o que é a orientação em educação sexual e como podemos atuar em sala de aula, promovendo segurança nessa formação das crianças, neste momento de descobrimento, curiosidade, experimentação e domínio sobre si. Nossos objetivos foram alcançados, pois verificamos através da participação dos docentes que na sociedade atual há a necessidade de se ampliar a temática na rede de ensino e na formação do profissional. Além de trazer posicionamentos e pensamentos de autores, que enfatizam sobre a sexualidade ser algo presente na vida de todos, e que não há motivos, portanto, para não se trabalhar e responder a dúvidas dos alunos, que estão no ambiente escolar justamente para adquirir um conhecimento cientificamente fundamentado, confiável e que poderão levar para o resto de suas vidas. Por isso a importância de se portar com sabedoria na abordagem da sexualidade, e se ter domínio do conteúdo que está sendo ensinado ao aluno.

Quanto aos desafios de implementação da educação sexual na escola, além de verificarmos a problemática de muitos professores não saberem como introduzir tal tema em sala de aula, existem paradigmas e restrições diretamente relacionados a muitas famílias, que não aceitam que a escola trate desta questão. Assim, se faz necessário conscientizar não só os profissionais sobre a importância de trabalhar o tema, mas também passar segurança para a família, sobre o quão valioso é receber ensinamento diretamente de profissionais, que podem agregar valores, experiências e conceito sem que a própria criança busque por respostas, que por muitas vezes podem achar de forma errônea, em conteúdos equivocados e repletos de imprecisões e preconceitos.

Por fim, o atendimento aos alunos deve ser coletivo e democrático, visando formar jovens esclarecidos dos seus direitos sexuais e reprodutivos pelas escolas e complementado pela família, e não de forma erotizada pela mídia, pois só, desse modo,

formaremos jovens capazes de tomarem decisões conscientes, que não prejudiquem sua saúde e seu desenvolvimento escolar.

## REFERÊNCIA

Araújo, Denise Bastos de. **Gênero e sexualidade na escola** / Denise Bastos de Araújo, Izaura Santiago da Cruz, Maria da Conceição Carvalho Dantas. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - PCN's: Pluralidade Cultural e Educação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 28 de março 2023.

\_\_\_\_\_, Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual / SEF** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, G.M. **Mitos e crenças sexuais**: uma questão cultural. In: CARDOSO, M. G. (Org.) Comportamento sexual: uma questão cultural. Cascavel: Coluna do Saber, 2005.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

DESIDÉRIO, R. (Ed.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. V2. Londrina: EDUEL, 2014.

DINIZ, Débora. **Dez palavras sobre laicidade**. In: **Seminário LGBT Congresso Nacional, 2013, Brasília**. Disponível em: < <http://www.bulevoador.com.br/2013/05/dez-palavras-sobre-laicidade/>>. Acesso em: 20 de março. 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Obra em Fascículos encartados na Folha de São Paulo de outubro de 1994 a fevereiro de 1995. Folha de São Paulo. São Paulo, Nova Fronteira, 1995.

FIORINI, Jessica Sampaio. **Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental:** currículo e práticas de uma escola pública da cidade de Marília-SP / Jessica Sampaio Fiorini. – Marília, 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide. D. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_, Michel. **Histórias da sexualidade 1:** A vontade de saber. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREUD, S.(1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Ed Standard Brasileira, vol VII Rio de Janeiro Imago Ed 1976.

\_\_\_\_\_, Sigmund. **Um caso de histeria: Três ensaios sobre sexualidade Outros Trabalhos.** 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

GAVIDIA, V. **A construção do conceito de transversalidade.** In: ÁLVAREZ, M. N. et al. Valores e temas transversais no currículo. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 15-30. (Inovação Pedagógica, v. 5).

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, C. R. P. **O descaso em relação à educação sexual na escola:** estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª. à 4ª. Série de 1º. Grau. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

JESUS, M. C. P. **O significado da educação sexual na relação pais/adolescentes.** Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília (DF), v.52, n. 3, p. 455-468, jul./set. 1999.

LAPATE, Dr. V. **Educando para a vida, sexualidade e saúde.** SP: Sttima editora, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o **‘normal’, o ‘diferente’ e o ‘excêntrico’.** In: LOURO, Guacira Lopes et al. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: **um debate** contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 41-81.

MATTOSO, Suelen et al. **Roda de Conversa sobre sexualidade**. Disponível em: [https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade\\_rode-de-conversa.pdf](https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade_rode-de-conversa.pdf). Acesso em: 07 de maio de 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

Nardi, H. C. & Quartiero, E. (2012). **Educando para a diversidade**: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. *Sexualidade, Salud y Sociedad*, 11, 59-87.

Pluralidade Cultural, **Orientação Sexual** / SEF – Brasília: MEC/SEF, 1997.

QUIRINO, Glaberto da Silva/ ROCHA, João Batista Teixeira. **Práticas Docentes Em Educação Sexual Em Uma Escola Pública De Juazeiro Do Norte, CE, Brasil**. Ceara 2010.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual Além da Informação**. SP: EPU, 1990.

SÁ, Maria Raimunda Ferreira de. Fatores que Implicam a Implantação dos Referenciais Curriculares na Prática Pedagógica. Castanhal-PA, 2018.

SANTINA, Célia Bordini. **Discursos Sobre Sexualidade nas Escolas Municipais de Curitiba**. Curitiba 2009.

SANTOS, M. A. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

SANTOS, Ana Laura Romano/ ASSIS, Ana Luiza Rodrigues/ MARRA, Bárbara Paraguai & OLIVEIRA, Maria Eduarda Pereira de. **Educação Sexual no Ambiente Escolar**. Betim 2021.

SAYÃO, Y. **Orientação sexual na escola**: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

Silva, Rosenilda Moura da. **Educação para a sexualidade no ensino fundamental:** discursos e práticas de pais e professores. / Rosenilda Moura da silva – 2015.

SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo. **Educação sexual informação sexual na escola.** Educativa, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 147-156, 2004.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, J. F. P; BARROSO, M. G. T. **Sexualidade na adolescência:** análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. Acta Paulista de Enfermagem, SP, n.19, v.4, p. 408-413, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: SOUZA, Cynthia Pereira (Org.). **História da educação:** processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998. P.53-74.

VITIELLO, N. **Sexualidade: Quem educa o Educador.** 2. ed. SP: Iglu, 2000. 133 p.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade in **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Autêntica Editora, 2010.